



"O amor ri de muralhas e barreiras"
(Romeu, II, 2)

Romeu e Julieta morrem para gerar a mulher e o homem modernos. Sua estória, possivelmente verdadeira, foi narrada por Luigi da Porta (1554), Arthur Brooke (1562) e Paynter (1567), antes de ser eternizada na tragédia de W. Shakespeare, em 1597. Mais que uma estória de jovens amantes, trata-se do entrelaçamento da liberdade e do amor, ao qual se rende a hostil Verona do século XIV. Celebrá-los não é só lembrá-los: é proclamar o desafio ético de nossa própria paixão.

"Eu te desafio, ó estrela funesta!"
(Romeu, V, 1)

É convém proclamar esse desafio também na rua. A heterogeneidade de seu público é a mesma daquele encontrado nos pátios das estalagens, para o qual Shakespeare escrevia: estudantes, cortesãos, poetas, viajantes, bêbados, jogadores, prostitutas, vadios, etc. Fluindo naturalmente entre a prosa e a poesia, seu texto se encenava no espaço nudo do teatro elizabetano inglês dos séculos XVI e XVII, verdadeiros picadeiros inspirados naqueles pátios. A abertura informal e imprevisível da rua refaz aquela atmosfera na qual explodia a amplitude vital, dramática, dinâmica e pedagógica do teatro Shakespeariano.

"Galopae, Galopae, a toda brida..."
(Julieta, III, 2)

Tal origem sugeriu-nos elementos da cultura popular no cenário e nos adereços como as espadas de São Jorge, os decalques, o ramo de arruda, o circo e a seleção musical, e introduzir a figura onisciente do narrador, regendo a peça com seu texto inspirado em Guimarães Rosa.

Por inspiração da singeleza particular do casario do interior, a cal integra visualmente o chão, o carro, a maquiagem, o figurino, e dela desprendem a mesma transcendência e universalidade alcançadas pelo Barroco mineiro. Além disso, a técnica circense constrói o perigo e a veloz precipitação desta tragédia, ao elaborar em cena a ambivalência da angústia e do prazer, da energia amorosa, da agressão e da paixão, concentrados na força do texto shakespeariano. A virtuosidade exigida ao corpo dos atores equivale à virtuosidade retórica e confere ao texto a pronúncia acrobática e vibrante com que as palavras da clássica tradução de Pennaforte se convertem em ação, para

explodir junto à platéia, acrescidas de um sentido não racional, vivo e imprevisto.

"Os amantes não precisam de outra luz para os ritos amorosos que a da própria beleza dos seus corpos!"
(Julieta, III, 2)

Esta "inauguração carnal" da palavra é acompanhada pela regeneração da estória desse casal, imprimindo-lhe um sentido não convencional e contextualizado, capaz de revitalizar as verdades shakespearianas e reencontrar, na rua a origem celebratória coletiva do rito e do espaço teatral: círculo mágico, lugar cerimonial da metamorfose e do poder, onde a vida se concentra e precipita o eterno dentro da fugacidade. A estrutura ininterrupta, caleidoscópica e diversificada do teatro de Shakespeare exige a concepção de um espaço apto a romper-se e regenerar-se velozmente, com o auxílio da flexibilidade mental estimulada no espectador. Para isto, colaboram o clima lúdico, instável e maneirista, onde predominam inversões, contrastes, ambiguidades, descontinuidades, irregularidades, atonalidades, anacronismos e o non-sense das soluções cênicas. Tais aspectos reeditam a cosmovisão trágica do herói dilacerado do século XVI, desterrado do mundo e obrigado a salvar-se na branca solidão do seu destino de amor e morte. A cal, as cruzeiras lascadas nas latas enferrujadas e os corpos figurados no chão realizam a morte em vida, rubor ósseo a calcinar o amor na face dos mortais.

"Para mim o desterro é pior do que a morte"
(Romeu, III, 3)

Nesta privação, o herói encontra sua infinita liberdade individual e faz da infinitude cósmica sua cúmplice. A exploração dos elementos telúricos e celestes, como o texto do Narrador, a música, o círculo do tempo delimitador da área cênica e o tratamento mítico do casal, que o associa aos astros, enfatizam esta cumplicidade redentora. A ancoragem da encenação nesta força cósmica foi obtida nos ensaios abertos realizados em Morro Vermelho (Julho/1992). Aí, quando pela primeira vez a sombrinha desceu em giros, pela mão do Narrador, para ocultar o beijo da cena do casamento, percebeu-se ser o Céu que se curvava sobre a Terra seca, para, com carinho, aliviá-la da poeira acumulada. Nela e em nós também. Montamos **Romeu e Julieta** para produzirmos essa limpeza e essa renovação.